



LINGUAGEM, AUTISMO E PEDAGOGIA: UMA DISCUSSÃO A LUZ DA TEORIA ENUNCIATIVA BENVENISTIANA

Aurinete Maria dos Santos Souza ¹

RESUMO

Este trabalho é fruto de um estágio em um curso de pós-graduação em neuropedagogia com crianças que estão no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). A relevância deste trabalho está em discutir a linguagem na perspectiva linguística da enunciação em Benveniste, ainda desconhecida pelos profissionais de educação que trabalham nos anos iniciais da educação básica. Na busca de superar a ideia de que autista não tem linguagem. Usamos fundamentalmente Benveniste (1991) seus conceitos de linguagem, subjetividade, enunciação, que o sujeito se constitui pela e na linguagem. Entendemos que o autista estar na linguagem de maneira singular. Somos objetivos: Analisar a luz da teoria linguística enunciativa benvenistiana as falas de mães no que se refere a linguagem de seus filhos. Relatar e discutir a luz da teoria linguística enunciativa estes elementos que remetam a linguagem no autismo a partir do que as mães descrevem, e refletir sobre a linguagem no autismo aprendidas pelas mães em contraponto com a ótica linguística. Pesquisa qualitativa, de caráter explicativo. Destacamos o recorte da conversa em que duas mães descrevem a vida educacional de seus filhos. A partir desde recorte percebe-se que o entendimento de linguagem aprendidas pelas mães, está muito atrelada a compreensão que tem a professora de seus filhos em relação a linguagem no autismo. O entendimento de linguagem como mero instrumento de comunicação é nítido nas falas das mães e também da professora. Entendemos que isto nega a condição de sujeito linguístico discutida em Benveniste.

Palavras-chave: Linguagem, Autismo, Pedagogia, Teoria Enunciativa.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de um estágio em um curso de pós-graduação em neuro pedagogia com crianças dentro do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Mesmo acontecendo em ambiente de clinica escola de uma instituição de ensino superior da cidade do Recife, nos remete ao ambiente escolar, especificamente a sala de aula. Pois em nossas salas de aula os profissionais dos anos iniciais têm se deparado com o grande desafio de alfabetizar. E quando se trata de crianças dentro do (TEA) o esforço precisa ser intensificado. Quando o assunto é linguagem, se recorre as questões neurobiológicas, a metodologias que prometem sucessos, material didático e pedagógico específicos para TEA.

¹ Mestranda do Curso de **CIÊNCIAS DA LINGUAGEM** da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, auri-pedagogia@hotmail.com;



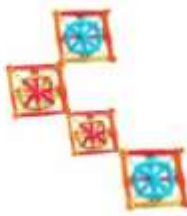
A linguagem é uma das maiores preocupações dos familiares e também uma questão importantíssima no momento do diagnóstico. E na escola, no momento da alfabetização nos parece ganhar os holofotes de todos que estão diretamente ligados ao sujeito autista. Para Benveniste a criança se estabelece como sujeito pela e na linguagem, “[...] não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a [...]” (BENVENISTE, 1991, p.285), e a linguagem ensina a própria definição do homem. Enxergar a linguagem dentro desta perspectiva, e não apenas como unicamente instrumento de comunicação é importante a todas as crianças, mas quando se fala de criança dentro Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), isto torna-se ainda mais relevante.

Quando o assunto é linguagem no autismo, se recorre as questões neurobiológicas, a metodologias que prometem sucessos, material didático e pedagógico específicos para TEA. Mas, sem a compreensão da linguagem nas mais diversas perspectivas ou mesmo um equivocado entendimento, todos esses recursos se tornam meros instrumentos em uso. E já me adianto em dizer que esta não é uma crítica aos profissionais que estão na base da educação, mas o que pretende-se com este artigo é um espaço de reflexão onde possamos discutir a linguagem na perspectiva linguística sob a ótica de uma pedagoga, a luz dos estudos enunciativos benvenistianos.

A relevância desta pesquisa também se encontra em ser fonte de pesquisa, a esses profissionais na superação da ideia de que autista não tem linguagem. Usamos como aporte teórico Benveniste (1991, 2006) seus conceitos de linguagem, subjetividade, de enunciação, e de que o sujeito se constitui pela e na linguagem. É por entendermos que o sujeito autista estar na linguagem de maneira muito particular e peculiar é que encontramos a ponte que liga a teoria enunciativa a temática autismo.

Temos por objetivos analisar a luz da teoria linguística enunciativa benvenistianiana as falas de mães no que se refere a linguagem de seus filhos. Relatar e discutir a luz da teoria linguística enunciativa elementos que remetam a linguagem no autismo a partir do que as mães descrevem, e refletir sobre a linguagem no autismo aprendidas pelas mães em contraponto com a ótica linguística.

Pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter explicativa, visto que procuramos registrar fatos, analisar, interpretar, identificando suas causas em busca das generalizações, mais amplas. Este trabalho terá as seguintes etapas: descrever o ambiente



físico em que corriam os atendimentos as crianças, e descrição do ambiente subjetivo (aquele apreendidos pelas emoções, sentimentos, gestos, falas). Destacamos o recorte de uma conversa em que duas mães descrevem a vida educacional de seus filhos, repetem falas de sua professora e expõe suas angústias.

Percebe-se a partir do recorte feito que o entendimento de linguagem como mero instrumento de comunicação é nítido nas falas das mães, bem como na da professora quando descrita pelas mães. Isto nega a condição de sujeito linguístico discutida em Benveniste. A linguagem seria a “faculdade de simbolizar inerente a condição humana” (FLORES, 2019, p.152). Pois assim sendo, nega a condição de sujeito da comunicação do homem, e é isto, que o torna único entre os animais (BENVENISTE, 1991).

A minha formação pedagógica me conduziu a teoria enunciativa em Benveniste exatamente por isso. Como pedagoga posso dizer que, considerar a linguagem dentro esta perspectiva, é ultrapassar a visão limitante e limitada dela como apenas mero instrumento de comunicação, e possivelmente trará mudanças ao nosso fazer pedagógico no âmbito das salas de aula.

METODOLOGIA

Este trabalho é resultado da experiência de estágio clínico no curso de pós-graduação em neuropedagogia em sua instituição de ensino superior da cidade do Recife. O estágio aconteceu no ambiente de clínica escola desta instituição, com crianças dentro Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) com idades entre 3 e 11 anos. Nos encontros eram realizadas oficinas em grupo, onde era observado aspectos como interação, avanços e melhoras no comportamento esperotipado, e também aconteciam atendimentos individuais. Cada estagiário atendia uma criança, e tinha-se momentos da anamnese e orientações com pais, e momentos individuais com a criança, onde realizações atividades visando o desenvolvimento cognitivos e neuronais.

Considerando o caráter de subjetividade e objetividade do nosso objeto de pesquisa, procuramos uma trajetória metodológica que nos permitisse dar sentido, significado ao objeto pesquisado. A abordagem usada em nossa pesquisa é a qualitativa, por nos possibilitar o aprofundamento da compreensão do fenômeno, do objeto pesquisado, e também por buscar explicações sobre os porquês dos acontecimentos, com enfoque na interpretação do próprio objeto (OLIVEIRA, 2003).



Será uma pesquisa explicativa, visto que procuramos registrar fatos, analisar, interpretar, identificando suas causas, em busca das generalizações mais amplas (Lakatos e Marconi, 2011). Como aporte teórico teremos Benveniste (1991, 2006), Flores (2013, 2017), Kanner (1966), DSM-5 (2014), Brasil (2012).

Temos por objetivos analisar a luz da teoria linguística enunciativa benvenistiana as falas de mães no que se refere a linguagem de seus filhos. Relatar e discutir a luz da teoria linguística enunciativa estes elementos que remetam a linguagem no autismo a partir do que as mães descrevem, e refletir sobre a linguagem no autismo aprendidas pelas mães em contraponto com a ótica linguística.

Este trabalho terá as seguintes etapas: Descrever o ambiente físico em que corriam os atendimentos as crianças, e descrição do ambiente subjetivo (aquele apreendidos pelas emoções, sentimentos, gestos, falas). Destacamos o recorte de uma conversa em que duas mães descrevem a vida educacional de seus filhos, repetem falas de sua professora expõe suas angústias. Essas duas mães tem idades entre 27 e 38 anos. Vamos nos referir a elas como M1 e M2. M1 é mãe de duas crianças gêmeas de 3 anos de idade dentro do TEA, uma delas com comorbidade em TDAH, e M2 é mãe adotiva de uma criança com 6 anos também dentro do TEA. Seus filhos estudam na mesma escola com a mesma professora e na mesma turma. Nesta ocasião traremos apenas um pequeno trecho da análise.

A partir deste recorte nossas atenções estarão sobre as questões da linguagem e seus filhos. A análise acontecerá a partir de uma discussão entre as falas das mães em contraponto a teoria linguística benvenistiana. Como método utilizaremos o indutivo, por nos possibilitar partir do particular e nos assentar na generalização, como um produto por vir do trabalho de pesquisa de coleta de dados particulares. Este método tem suas bases na experiência (MARCONI; LAKATOS, 2011).

REFERENCIAL TEÓRICO

Autismo: Algumas Considerações

As primeiras e elementares alusões sobre as características do autismo vieram dos estudos do psiquiatra austríaco, Leo Kanner em 1943, quando observava crianças com comportamentos anormais em relação as outras. Kanner (1966) psiquiatra pioneiro nos estudos sobre o autismo, não definiu o termo, entretanto apresentou, caracterizou e



descreveu o quadro clínico de crianças, extraindo características peculiares, entre elas a dificuldade na interação social, para ele essas crianças se isolavam em seu próprio mundo, distantes da realidade. Ainda apresentavam ausência da fala, o mutismo, ou o atraso dela, e o não uso a linguagem como instrumento de comunicação. Ele não considerava que essas crianças tivessem possibilidade de linguagem.

Atualmente o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), traz o autismo incorporado a um termo médico chamado de **Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)**. Esse transtorno foi definido pela presença de déficits persistentes na comunicação e na interação social. O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é considerado um transtorno de neurodesenvolvimento onde a criança tem déficits na comunicação social e alimentam interesse limitado e condutas estereotipadas (DSM-5, 2014).

É muito comum ainda nos estudos, pesquisas sobre o autismo apresentar e considerar a linguagem como ecolalias, estereotípias sonoras e na ausência dela como mudismo. Não levando em consideração o contexto sócio-histórico e peculiaridades muito singulares de cada um desses sujeitos. Esta é uma das questões que mais trazem angustias e preocupações a família da criança dentro do TEA. Apesar dos muitos estudos, artigos e pesquisas, a notoriedade no cenário jornalístico e televisivo ainda é muito comum olhar para o sujeito autista distante de suas peculiaridades, distancia-los da possibilidade de linguagem, preocupa-se fundamentalmente com as questões comportamentais, pois nos parece que sabendo “controlar” tais comportamentos os que convivem com estes sujeitos se sentem mais confortáveis socialmente.

Muitos direitos foram conquistados, a exemplo disso temos a lei nº 12.714 de dezembro de 2012 que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista que estabelece diretrizes como, o sujeito autista tem direito a estudar em escolas regulares, seja ela de educação básica ou profissional, e requerer um acompanhante especializado caso necessite. Essas e outras conquistas legais podem até garantir acesso as instituições educacionais, mas só as leis não garantem o direito a essa educação. Pois as questões que envolvem educação e autismo perpassa a legalidade, transcende o aspecto legal, chegando as questões sociais, culturais, formação dos profissionais envolvidos, apoio e esclarecimentos a família. Todos esses aspectos não



devem negligenciar as peculiaridades do sujeito autista. Pois só assim pode acontecer de fato a inclusão e não apenas a inserção desse sujeito.

A seguir trataremos a teoria enunciativa em Benveniste de maneira, a fim de dar um panorama sobre a teoria até que chequemos ao entendimento de como o sujeito se constitui pela e na linguagem.

Teoria Enunciativa: A constituição do Sujeito pela e na Linguagem

Para Benveniste (1991) o uso de símbolos torna o homem racional, eles (os símbolos) não são simplesmente sinais, que se reconhecem pelo treino, mas exigem interpretação que ultrapassa a mera associação, visto que esta capacidade simbólica do homem alcança sua realidade soberana na linguagem. E, por sua vez, a linguagem se faz dentro de uma língua, e não se separa de uma sociedade. Ou seja, “língua e sociedade não se concebem uma sem a outra” (BENVENISTE, 1991, p. 31). Com esta afirmativa, Benveniste ultrapassa as fronteiras estruturais da língua, e com isto mostra que o fundamento da subjetividade está no exercício dela (língua).

Benveniste em sua obra *Problemas de Linguística Geral*, entre outros conceitos trabalha as concepções de língua, linguagem e cultura, nos conduzindo ao entendimento da relação estabelecida entre elas. E, a partir desta relação compreendemos que o homem se constitui na linguagem. O entendimento a respeito da língua em Benveniste distingue da de Saussure, por concebe-la em sua essência como social, apreendida no coletivo, ela conserva os homens juntos, fundamenta as relações humanas e também a sociedade. A língua e o homem têm natureza social, não é um sistema fora das práticas humanas, por isso mesmo só pode ser analisada quando estiver em uso.

A maneira como ele concebe a língua, incide no entendimento que tem de signo. O autor sugere a língua os sentidos, semiótico e o semântico observando sua forma de significação. No semiótico está o signo e o semântico seria o sentido que resulta da relação entre o signo e o contexto, é o dar significado ao enunciado, ao discurso.

O seu entendimento sobre a língua, reflete evidentemente em seu entendimento de linguagem. Para ele a linguagem não deve servir de instrumento de comunicação ao homem, visto que o instrumento é algo que coloca o homem e a natureza em situações opostas. Pois assim sendo, nega a condição de sujeito da comunicação do homem, e é



isto, que o torna único entre os animais (BENVENISTE, 1991). A linguagem seria a “faculdade de simbolizar inerente a condição humana” (FLORES, 2019, p.152).

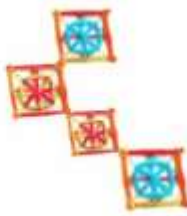
Não abrangemos nunca o homem apartado, distante da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. “É o homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem” (BENVENISTE, 1991, p.285). A linguagem não surgiu no encontro do homem com outro homem, mas ela (a linguagem) faz e sempre fez parte da natureza do homem.

A linguagem se faz dentro de uma língua, e não se separa de uma sociedade. Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra. Ou seja, uma sociedade não se estabelece, se constitui, se forma sem a linguagem, igualmente a língua não se realiza fora das relações sociais. Isto implica em dizer que, para que essas relações aconteçam é necessário, um *eu* que enuncia, o locutor, e um *tu* enunciatário, alocutário num espaço e tempo.

Uma enunciação nunca será reproduzida de maneira idêntica, isto porque o *eu*, *tu*, espaço e tempo não serão os mesmos, a enunciação é irrepitível. Benveniste enxerga aquilo que conhecemos por pronomes pessoais e demonstrativos como, sujeitos linguísticos. “Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem” (BENVENISTE, 1991, p.288). Ratificando o dito acima Benveniste (1991) escreve que:

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica na reciprocidade – que eu me torne tu na alocação daquele que por sua vez se designa por eu (p.286).

É, neste momento que entendemos como acontece a constituição do sujeito pela e na linguagem segundo Benveniste. No diálogo com o *tu*, o *eu*, se reconhece, se apresenta como sujeito, e aqui não consiste em antinomias, dualidades, pois só há possibilidade de consciência de si mesmo quando experimentada por contraste. A consciência do *eu* não existirá enquanto não houver um discurso, diálogo, com um *tu*. É nesta relação dialética, de reciprocidade “que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade” (BENVENISTE, 1991, p.287).



Flores (2019) para elucidar o conceito de subjetividade usa o texto de Benveniste “*Da subjetividade na linguagem*”, e escreve que seria a passagem do homem para sujeito, seria a tomada de consciência do *eu* que enuncia ao *tu* enunciatário. E, nisto consiste a enunciação. Destacamos o que diz o próprio Benveniste sobre a enunciação, que seria “[...] colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p.82). A enunciação é um processo, e o enunciado um produto dela.

Benveniste não tratou particularmente em sua teoria, ou reservou um espaço para a temática autismo em sua obra. Mas, é justamente levando em consideração o conceito de subjetividade, o entendimento da enunciação como irrepitível, a relação língua, linguagem e cultura, que o homem se constitui como sujeito na linguagem, e por compreendermos que o sujeito autista está na linguagem de maneira muito singular e peculiar, que encontramos a ponte que liga a teoria enunciativa benvenistiana ao autismo. Por ser irrepitível, a enunciação nos aporta ao entendimento de que a linguagem no autismo é sim construída de sentidos, ainda que ocultos pelos “mitos” da não linguagem lhes atribuídos, considerando apenas como sons aleatórios e ecolalias por exemplo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Transcrição do Recorte

No ambiente onde aconteciam os atendimentos tínhamos uma sala de tamanho considerável com muitos brinquedos onde eram realizados as oficinas, percebíamos que as crianças sempre estavam felizes naquele ambiente. E esta felicidade também era percebida nas mães. Tínhamos salas menores para os atendimentos individuais as crianças e as mães, nestas tínhamos apenas duas cadeiras, paredes brancas um gaveteiros com alguns brinquedos, lenços de papeis. Nestas salas muitas angustias eram expostas, sentimos como se fossem exaladas pelas mães.

Mas, o recorte que destacamos não diz respeito aos atendimentos individuais e privados, mas de uma conversa “informal” no pátio. Duas mães sabendo que também era pedagoga, me procuram (enquanto estava indo a cantina) com os livros e cadernos da escola de seus filhos, muito angustiadas pelo que já a algum tempo ouviam da professora. Como dissemos chamaremos as mães de M1 e M2. M1 era a mais angustiada, ao me



mostrar o livro e o caderno diz: “Olha aqui o que ele faz na escola, ninguém entende nada, isso não é nada. Ele não se desenvolve porque não fala, não aprende nada, vou lhe mostrar um vídeo. Por isso que a professora diz que ele não tem linguagem”. M2 no mesmo dialogo continua “fico preocupada, se não fala, e se não falar nunca não vai aprender nada? Quem ela vai ser?”

M1 me mostra um vídeo de um de seus filhos na escola, sentado pintando, ela diz: “ele estar assim porque a professora não deixa ele levantar para não atrapalhar os colegas que estão fazendo a tarefa de verdade”. M2 confirma a informação dizendo que isso sempre acontece. Enquanto conversamos elas deixam transparecer a grande preocupação em relação a linguagem e o que a professora sempre diz sobre (eles não tem linguagem, porque não oralizam, verbalizam). Pergunto para elas como elas conseguem saber o que seus filhos querem se acreditam que não tem linguagem, não oralizam, não verbalizam. A resposta de M1 e M2 são quase que simultânea, “eles apontam”.

Vale ressaltar que até aquele momento não conhecia nada sobre as perspectivas linguísticas e concepções de linguagem advindas delas. Pois minha formação inicial e mesmo continuada não contribuiu para isso. Pensei em omitir essa informação, mas não seria justo ao leitor desconhecer este fato, pois torna-se importante para entender minha postura naquele momento.

Foram dadas apenas algumas orientações pedagógicas quanto as realizações de atividades e neuropedagógicas quanto a estratégias para a atenção sustenta e seletiva. A conversa foi finalizada com a sensação de inconclusiva para as mães, mas também para essa pesquisada que vos escreve.

Discussão

A partir desde recorte percebe-se que o entendimento de linguagem aprendidas pelas mães, está muito atrelada a compreensão que tem a professora de seus filhos em relação a linguagem no autismo. O entendimento de linguagem como mero instrumento de comunicação é nítido nas falas de M1 e M2, bem como na descrição da fala da professora pelas mães. Entendemos que isto nega a condição de sujeito linguístico discutida em Benveniste. A linguagem seria a “faculdade de simbolizar inerente a condição humana” (FLORES, 2019, p.152), ela não deve servir de instrumento de



comunicação ao homem, visto que o instrumento é algo que coloca o homem e a natureza em situações opostas.

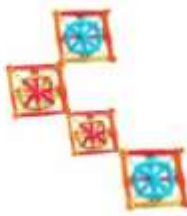
A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica na reciprocidade – que eu me torne tu na alocação daquele que por sua vez se designa por eu (p.286).

Quando respondem que seus filhos apontam para dizerem o que querem, elas M1 e M2 não conseguem perceber os como sujeitos na linguagem. Enquanto negavam esta condição em seus filhos, e acredito que muito por influência do discurso da professora, estavam o tempo todo em interação com eles enquanto conversamos, respondendo aos seus anseios, eles (filhos) puxavam suas roupas, e apontam para a água, brigaram por um brinquedo e vieram reivindicar a posse, e M1 e M2 estavam já mediando aquele conflito.

É exatamente neste momento entre mães e filhos, que acontece a constituição do sujeito pela e na linguagem segundo Benveniste. No diálogo com o *tu*, o *eu*, se reconhece, se apresenta como sujeito, e aqui não consiste em antinomias, dualidades, pois só há possibilidade de consciência de si mesmo quando experimentada por contraste. A consciência do *eu* não existirá enquanto não houver um discurso, diálogo, com um *tu*. É nesta relação dialética, de reciprocidade “que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade” (BENVENISTE, 1991, p.287). O diálogo na situação entre M1, M2 e seus filhos ultrapassa os aspectos da verbalização.

Mas a ideia já construída as levam a negar a condição de sujeito linguísticos de seus filhos, e é isto, que o torna o homem único entre os animais (BENVENISTE, 1991). O homem é homem porque tem linguagem, e nela e por ela se constitui sujeito. A linguagem não surgiu no encontro do homem com outro homem, mas ela (a linguagem) sempre fez parte da natureza do homem. Assim o homem ocupa seu lugar social, e nisto está sua subjetividade, constituindo-se assim sujeito a partir das relações sociais, imerso, e atravessado pela cultura.

No momento em que M1 me mostra o vídeo em seu filho estava pintando enquanto as outras crianças faziam a tarifa de verdade, não seria este um sinal de que a inclusão não estava acontecendo naquela instituição, ou pela menos não aconteceu naquela aula? Será que se a professora tivesse uma concepção de linguagem diferente do que deixa



transparecer em suas falas, o filho de M1 estaria participando das aulas, ainda que com uma atividade adaptada (não apenas pintando)? Será que seria preciso força-lo a ficar quieto em uma cadeira um pouco afastado para não atrapalhar os colegas ou teria a liberdade de interagir? Levando em consideração a concepção de linguagem em Benveniste acredito que sim, a realidade dos fatos seria outra.

A minha formação pedagógica me conduziu a teoria enunciativa em Benveniste exatamente por isso. Entanto pedagoga posso dizer que, olhar a linguagem dentro esta perspectiva, é exceder a visão limitante e limitada dela como apenas mero instrumento de comunicação. Não me omito em dizer que aquela conversa “informal” me fez refletir sobre a linguagem no autismo, e mergulhar em busca de conhecimento em mares ainda desconhecido, neste caso a linguística, e lá encontrei o Benveniste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que o entendimento de linguagem como mero instrumento de comunicação ainda é algo muito forte, e quando isto acontece dentro de uma instituição educacional e com crianças autistas nisto toma uma proporção de “gravidade” ainda maior. Visto que essas crianças tem chegado em um numero bem maior e cada vez mais cedo as escolas, ainda na educação infantil. Percebe-se que com a compreensão da linguagem dentro da perspectiva benvenistiana poderíamos dar respostas mais acertivas as angustias das mães quanto a aprendizagem de seus com autismo e leva-las ao entendimento de que eles estão na linguagem de maneira muito peculiar e singular.

Chegamos ao fim e ao mesmo tempo no começo de uma (espero) longa jornada no campo da linguística enunciativa sob o olhar de uma pedagoga. Quando me deparei com as angustias daquelas mães, suscitou em mim angustia de uma pesquisadora. Percebi que minha formação inicial e mesmo continua não me deram tal aporte teorico. Esta não é uma crítica as pedagogas e pedagogos, pois reconheço o grande valor e suas contribuições ao desenvolvimento de nossas crianças.

Mas, considero este um espaço de reflexão onde possamos discutir a linguagem na perspectiva linguística sob a otica de uma pedagoga, especificamente sob a luz dos estudos enunciativos benvenistiano. O ciclo não se fecha com os resultados e constatações deste trabalho, outras questões surgiram, que levaram até o mestrado em Ciências da



Linguagem. Entre os questionamentos estão: Quais as concepções de linguagem aprendidas pelos pedagogos e pedagogas ao longe de sua formação inicial e continuada? São sustentadas por quais teóricos? Essas concepções aprendidas influenciam o fazer pedagógicos desses profissionais em relação seu olhar ao sujeito autista?

Além de dar respostas mais acertivas as angustias das mães quanto a aprendizagem de seus com autismo e leva-las ao entendimento de que eles estão na linguagem de maneira muito singular, este trabalho também oportuniza um espaço para construção de conhecimento, ao olhar nossas práticas pedagógicas e pensar em novas possibilidades de intervenções pedagógicas com crianças autistas em sala de aula.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi desenvolvido com apoio da FUNDAÇÃO ANTONIO DOS SANTOS ABRANCHES – FASA, através da concessão de bolsa de estudo de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5 – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em 11/07/2020

BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral I. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991.

FLORES, Valdir. Nascimento. et al. Dicionário de linguística da enunciação. São Paulo: Contexto, 2019.

KANNER, Leo. Psiquiatria infantil. Buenos Aires: Paidós e Psique, 1966.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses. Recife: Edições Bagaço, 2003.